

Nota Editorial

O evento *Mulheres no Discurso (Women in Discourse)* conheceu a sua primeira edição na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano de 2019. Integrado numa iniciativa da Reitoria da Universidade do Porto designada “E contudo elas movem-se”, que visou assinalar contributos das mulheres na área das Ciências, o evento tornou-se regular, tendo contado já com cinco edições, desde a sua primeira ocorrência. A qualidade dos trabalhos levados a público nestas Jornadas conduziu os organizadores a equacionar a publicação dos estudos num volume com *peer reviewing* e com a chancela das publicações digitais da Faculdade de Letras e do Centro de Linguística da Universidade do Porto. É neste contexto que surge a primeira coletânea do “*Mulheres no Discurso*”, um volume que reúne trabalhos apresentados nestas jornadas, que, oriundos de diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas, têm em comum o facto de estudarem a forma como se constrói e manifesta a imagem e a voz da Mulher no discurso. O volume resulta do diálogo entre perspetivas disciplinares distintas, mas complementares, que se encontram na análise da palavra feminina como espaço de resistência, identidade e poder simbólico.

Ana Sofia Souto, no estudo intitulado “A importância da modalização em quatro manifestos produzidos pela UMAR”, analisa o papel da modalização linguística nos manifestos da associação feminista portuguesa UMAR. A autora demonstra como a escolha de certos recursos discursivos contribui para questionar, criticar e convocar à ação, evidenciando o poder da linguagem como instrumento de intervenção social e utópica. A análise revela uma articulação estratégica entre modalização epistémica e deôntica, sustentando um discurso de denúncia e de mobilização coletiva, rumo a um futuro mais igualitário e inclusivo.

Em “Liberdade inconstante ou subserviência segura? - O trabalho sexual na *Comédia do Cioso*”, Carlos Silva examina a representação literária das trabalhadoras sexuais na obra de António Ferreira, colocando em diálogo o trabalho, o amor e a moralidade no contexto do século XVI. O autor mostra como a figura da cortesã, dividida entre independência e marginalização, reflete as tensões entre autonomia feminina e submissão social, num tempo em que a escolha pela vida de cortesã representava uma irrevogável rejeição de uma vida amorosa tradicional assente no matrimónio.

Cláudia Marina Vicente Ruas, Maria Antónia Diniz Caetano Coutinho e Matilde Alves Gonçalves, no artigo “Desconstrução de estereótipos de género no Ensino de Literatura: uma abordagem pedagógica intervenciva”, propõem uma investigação centrada no ensino da

literatura como espaço de transformação social. Através de uma metodologia de investigação-ação em contexto escolar, as autoras avaliam o impacto de uma abordagem crítica sobre as percepções dos alunos relativamente aos estereótipos de género, demonstrando como a leitura literária pode promover uma consciência inclusiva, reflexiva e emancipadora.

No texto “Por que a Globo matou a Globeleza? O silenciamento da Globo em relação às polêmicas sobre racismo e nudez nas suas vinhetas de Carnaval”, Lídia Sacramento de Souza e Lidiane Santos de Lima Pinheiro analisam o discurso institucional da emissora brasileira face às críticas sobre representação do corpo feminino e racialização nas vinhetas de Carnaval. Com base na análise do discurso de linha francesa, as autoras revelam os mecanismos de silenciamento e apagamento simbólico através dos quais a Globo procura preservar a sua imagem, deslocando o debate de questões de género e raça para uma retórica de pluralidade superficial.

Por sua vez, Mariana Filipa da Silva Pinto, no artigo “Mecanismos linguístico-discursivos e diferenciação de linguagem e género”, investiga as regularidades linguísticas que distinguem o discurso de homens e mulheres, analisando diferentes tipos de atos de fala. A autora identifica padrões discursivos que continuam a ser associados estereotipicamente a um género, mostrando como a linguagem quotidiana participa na manutenção e reprodução de papéis sociais normativos, mesmo em contextos de aparente neutralidade comunicativa.

Em “Género y activación de vocabulario. Entre la estereotipación y la normalización de los nuevos roles”, Mirta Fernández dos Santos apresenta os resultados de uma investigação sobre a influência dos fatores socioculturais na ativação lexical associada aos conceitos de “homem” e “mulher”. A partir de dados recolhidos junto de estudantes de diferentes nacionalidades, a autora demonstra que, apesar de uma crescente normalização dos novos papéis de género, persistem marcas inconscientes de estereotipização que se refletem nas escolhas lexicais e nas percepções sociais do feminino e do masculino.

Patricia Orlando no estudo “Linguagem e resistência: trajetória do discurso feminino na luta contra a opressão”, fazendo um percurso que vai de Simone de Beauvoir a Judith Butler, Sueli Carneiro e Gayatri Spivak, descreve a evolução do pensamento feminista através da linguagem como instrumento de resistência e libertação. A autora examina como, em diferentes contextos históricos e teóricos, as mulheres se apropriaram do discurso para questionar o poder, afirmar o saber e reconfigurar o lugar do feminino nas estruturas sociais. O estudo revela a persistência de desafios, mas também a força criadora de uma voz que se reinventa em cada época.

O conjunto de textos reunidos em *Mulheres no Discurso* oferece uma perspetiva rica e multifacetada sobre o modo como o feminino se constrói, é representado e se faz ouvir. As diferentes abordagens convergem na ideia de que a linguagem é um lugar onde se negoceiam identidade e poder.

Se alguns estudos revelam formas subtils de exclusão e silenciamento, outros destacam estratégias de resistência e de reconfiguração da voz feminina. Entre a crítica e a ação, entre a palavra e o gesto, estas investigações mostram que a mulher no discurso é também a mulher do discurso - aquela que fala, questiona e transforma o mundo através da palavra.

Os organizadores